

As relações interculturais da fronteira Argentina-Brasil mediadas pelo consumo da televisão brasileira¹

Roberta Brandalise²

Faculdade Cásper Líbero, Brasil, São Paulo, SP

Resumo:

Estudamos como as representações televisivas sobre os argentinos, a Argentina e as relações argentino-brasileiras – construídas em narrativas televisivas brasileiras de gêneros diversos, e consumidas por brasileiros e argentinos – participam da articulação das identidades culturais na fronteira Uruguaiana-Paso de los Libres (Brasil-Argentina). Pesquisamos sob a orientação teórico-metodológica dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos, realizamos um estudo de caso dentro de uma perspectiva qualitativa, desenvolvendo dois tipos de entrevistas com dez fronteiriços. Constatamos que o consumo comum da televisão brasileira gera sociabilidade, participa da memória coletiva e do jogo identitário – aproximando ou distanciando simbolicamente os fronteiriços conforme o discurso engendrado na TV reforça ou rompe com o estereótipo da rivalidade.

Palavras-chave: Comunicação; Televisão; Fronteiras; Argentina; Brasil.

1. Introdução e estratégia teórico-metodológica

Vivemos por seis anos na cidade de Uruguaiana, na fronteira entre o Brasil e a Argentina e, há mais de uma década, quando surgiu a oportunidade de contribuir para o campo da Comunicação por meio do trabalho de pesquisa, entramos em contato com as obras de teóricos contemporâneos da Comunicação – dos Estudos Culturais Britânicos e Latinos, tais como Stuart Hall e Jesus Martín-Barbero. A partir dessas leituras, aprendemos

¹ Trabalho apresentado no V Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria; mestre e doutora em Ciências da Comunicação formada pela Universidade de São Paulo. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação na Faculdade Cásper Líbero. E-mail: betalise@terra.com.br

a atribuir sentido para a diversidade cultural registrada em nossas memórias e decidimos estudar a participação dos meios de comunicação de massa, tal como a televisão, no contexto fronteiriço.

Então, revisitamos a fronteira entre o Brasil e a Argentina e realizamos as pesquisas “Gaúchos e *gauchos*: um pampa, duas nações” e “Comunicação e Cultura: Sementes híbridas em campos cercados na fronteira Brasil-Argentina”, a primeira, uma monografia com ênfase no telejornalismo e, a segunda, uma dissertação com ênfase na ficção televisiva.

As pesquisas que realizamos nos estimularam a aprofundar os nossos estudos porque geraram novas inquietações. Então, retornamos à divisa entre o Brasil e a Argentina no esforço de compreender os processos de comunicação existentes na fronteira, plasmados em meio a processos culturais e sociais mais abrangentes. Seguimos a mesma orientação teórico-metodológica dos Estudos Culturais Britânicos e Latinos, enriquecida pelo nosso envolvimento com o ensino de Antropologia Cultural.

Atentando para isso, desenvolvemos a tese de doutorado “A Televisão Brasileira nas Fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai – Um estudo sobre como as Representações Televisivas participam da articulação das Identidades Culturais no cotidiano fronteiriço”, incorporando as colaborações convergentes das perspectivas trazidas pelos Estudos Culturais e pela Antropologia, acerca do objeto da Comunicação, e ampliando o escopo das fronteiras investigadas.

O objetivo geral desta pesquisa foi aprender sobre o modo como a televisão brasileira participa da articulação das identidades culturais no cotidiano fronteiriço, estudando os casos de Ciudad del Este (Paraguai)-Foz do Iguaçu (Brasil), Paso de los Libres (Argentina)-Uruguaiana (Brasil) e Rivera (Uruguai)-Santana do Livramento (Brasil).

Como não é possível abordar todo o espectro da pesquisa neste artigo, compartilhamos aqui parte de nossa estratégia teórico-metodológica, das representações televisivas e das apropriações e usos que circulam no imaginário social do caso Argentina-Brasil. Representações estas que suscitaram negociações de sentido, incorporação e resistência por parte dos entrevistados. Representações televisivas que a própria amostra destacou como relevantes nas relações interculturais que experimenta cotidianamente na região de fronteira.

Os modelos teórico-metodológicos adotados para desenvolver esse estudo de caso foram os dos usos sociais dos meios de comunicação e do consumo cultural, desenvolvidos na América Latina por pesquisadores como Martín-Barbero (2001) e Canclini (2001).

Seguindo essa mesma orientação teórico-metodológica, adotamos também a abordagem de Hall (1999) sobre identidades culturais, e a de Lippmann (2008) sobre estereótipos. A fim de concretizar essa pesquisa, servimo-nos ainda de colaborações convergentes da Antropologia Cultural de Geertz (1978) e da Antropologia do Consumo de Douglas e Isherwood (2004).

Realizamos uma pesquisa qualitativa (Lopes, 2002) que se caracterizou como um estudo de caso (Yin, 2010), fazendo uso de uma estratégia metodológica que contemplou a observação participante (Haguete, 1992), da análise discursiva das narrativas (Geertz, 1978; Orlandi, 1988), das entrevistas semiestruturadas (realizadas seguindo o modelo proposto por Thiollent, 1980) e das entrevistas abertas mediadas pela exibição de cenas das narrativas da televisão brasileira às quais os fronteiriços fizeram referência ao longo da pesquisa de campo (modelo elaborado a partir da proposta de Collier, 1973).

A amostra foi formada por dez fronteiriços residentes na fronteira Uruguaiana-Paso de los Libres. Cinco brasileiros residentes em Uruguaiana (duas mulheres e três homens, com as idades variando entre 37 e 73 anos) e cinco argentinos residentes em Paso de los Libres (três mulheres e dois homens, com idades entre 25 e 67 anos). Adotamos como critério de seleção da amostra a ocorrência do hábito de consumo de televisão brasileira junto a brasileiros e argentinos que vivem na fronteira Uruguaiana-Paso de los Libres.

Integrou nossa amostra também as narrativas televisivas apontadas pelos próprios entrevistados como relevantes em seu cotidiano, por apresentarem representações da própria fronteira, da Argentina, dos argentinos ou das relações argentino-brasileiras. Essas narrativas formaram um banco de dados que elaboramos para o desenvolvimento desta pesquisa, na ocasião foram recuperadas nos sites Youtube e Globo.com, atualmente, integram o DVD anexo à tese de doutorado depositada na Universidade de São Paulo. Todo o material foi utilizado para rever com os entrevistados cenas que eles mesmos consideraram relevantes ao longo das entrevistas e, assim, aprofundar a pesquisa.

Foram destacadas por eles oito narrativas de gênero noticioso. Cinco delas sobre os desacordos envolvendo o Mercosul e a própria fronteira Uruguaiana-Paso de los Libres: “Briga entre Brasil e Argentina atrasa a entrega de cargas na fronteira” (Jornal da Globo, 27/10/2009, 1’28”); “Caminhões enfileiram-se na fronteira da Argentina com o Brasil” (Bom Dia Brasil, 28/10/2009, 25”); “Impasse entre Brasil e Argentina deixa depósitos de cargas lotados” (Jornal Nacional, 28/10/2009, 1’59”); “Porto Seco de Uruguaiana chega à capacidade máxima de ocupação de caminhões” (Jornal Nacional, 5/11/2009, 21”);

“Reunidos em Brasília Lula e Kirchner tentam acordo comercial” (Jornal Nacional, 18/11/2009, 36”).

Uma delas sobre o caso das Malvinas: “Lula critica falta de decisão da ONU no caso das Malvinas” (Jornal da Globo, 23/2/2010, 1’24”). Outra sobre o carnaval da cidade de Uruguaiana: “Carnaval continua na fronteira entre o Brasil e a Argentina” (Jornal da Globo, 5/3/2010, 1’11”). E mais uma sobre futebol: “Pelé: Prefiro ganhar da Argentina em Copa do Mundo” (Globo Esporte, 15/10/2009, 1’4”).

Foi destacado também pelos entrevistados um trecho de um episódio do programa de humor *Casseta & Planeta: Urgente!*: “Maradona responde críticas da imprensa argentina” (Casseta e Planeta, 20/10/2009, 39”).

Quanto às narrativas ficcionais, foram destacadas uma cena da telenovela *Deus nos Acuda* – “Deus nos Acuda Maria Lobato e Tomaz Euclides” (Deus nos Acuda, 59”) – e duas cenas da telenovela *Viver a Vida*: “Dora sente-se enjoada... Será?” (Viver a Vida, trecho do capítulo 66, 28/11/2009, 3’58”) e “Maradona quer viajar com Dora e Rafaela para a Argentina” (Viver a Vida, 17/4/2010, trecho do capítulo 186, 1’36”). Foram mencionadas ainda as novelas *Chocolate com Pimenta* (2003), *Sete Pecados* (2007) e *Avenida Brasil* (2012).

Assim como, duas propagandas: “Propaganda Antártica Copa 2006” (2006, 33”) e “Comercial Havaianas com Lázaro Ramos- Críticos” (2009, 30”).

A análise discursiva detalhada das narrativas e das apropriações e usos que os fronteiriços fizeram delas está exposta na tese de doutorado, aqui procuramos articular o relato dos principais achados de campo.

2. A mediação da televisão brasileira na fronteira Brasil-Argentina

É relevante pontuar que, no caso desta pesquisa, as narrativas televisivas consumidas pela amostra e utilizadas pelos próprios argentinos e brasileiros que vivem nas fronteiras, foram todas construídas pela televisão brasileira, um meio de comunicação de massa voltado para os brasileiros. Assim, as representações televisivas foram elaboradas pelo “outro”, no sentido de que foram construídas por “não argentinos” e “brasileiros não fronteiriços” (que para os brasileiros fronteiriços podem, em alguma medida, também

representar o “outro”). Por isso, as elaborações de sentido dos entrevistados, ao assistirem o material televisivo, também foram úteis para confirmar qual é a tendência da televisão brasileira ao caracterizar aspectos pertinentes a nossa amostra e, assim, iluminar a participação da televisão na articulação das identidades culturais nas fronteiras.

Entendemos que com respeito às relações argentino-brasileiras no âmbito político e econômico, e especialmente em torno do Mercosul, bem como na seara do futebol, e particularmente em torno das figuras de Pelé e Maradona, a televisão brasileira caracteriza essas vinculações preponderantemente como de rivalidade e o argentino é representado como concorrente ou adversário do brasileiro. Isso ocorre em propagandas, em um programa de humor e, principalmente, nas narrativas de gênero noticioso que estudamos.

As narrativas da televisão brasileira participam do jogo identitário, preponderantemente, reforçando as identidades nacionais brasileira e argentina. E, ainda, imprimindo às relações sociais entre brasileiros e argentinos que vivem na fronteira um caráter de afastamento ou de conflito. Isso porque, não podemos deixar de constatar que o interdiscurso da rivalidade predomina na formação discursiva da maior parte das narrativas construídas na televisão brasileira com respeito às relações argentino-brasileiras, à Argentina ou aos argentinos. E isso medeia as apropriações e usos que os fronteirizos fazem dessas narrativas. Observamos essa hegemonia em inúmeras narrativas de gênero noticioso acerca dos desacordos que envolvem o Mercosul e nas representações televisivas relacionadas ao futebol e aos craques Pelé e Maradona.

Atentando para as colaborações de nossa amostra com respeito à caracterização das relações argentino-brasileiras como de rivalidade na televisão, reiteramos que, em boa medida, essa caracterização se fundamenta na realidade. A própria observação que realizamos no cotidiano fronteiriço e os próprios entrevistados nos fornecem elementos para confirmar isso. Por outro lado, essa mesma observação e as apropriações e usos que nossa amostra faz das representações televisivas brasileiras também nos fornecem elementos para compreendermos que essa realidade entranhada de rivalidade se configurou historicamente com a participação, dentre outros fatores, da ação dos Estados nacionais, das disputas no futebol e dos próprios meios de comunicação de massa que reafirmam constantemente essa caracterização.

Ao fazer uso do interdiscurso da rivalidade para propor o sentido predominante em suas narrativas – sejam elas de gênero noticioso ou humorístico, e mesmo em propagandas como a do Guaraná Antártica e a das sandálias Havaianas –, a televisão brasileira acessa o

imaginário nacional, joga o jogo das identidades culturais e, ao fazer isso, por vezes, reforça esse discurso de rivalidade que já faz parte da realidade das relações argentino-brasileiras. Discurso que, em uma região de fronteira entre o Brasil e a Argentina, onde brasileiros e argentinos consomem essas narrativas, colabora para o reforço das identidades nacionais dos dois povos. Mais do que isso, o discurso de rivalidade que tece essas narrativas da televisão brasileira, quando consumido pelos fronteiriços, medeia as relações sociais na região. Colaborando para diminuir a sociabilidade entre brasileiros e argentinos, ou para conferir a essas relações um caráter conflitivo – tal como evidenciaram também as colaborações de nossa amostra, que ao se apropriar dessas narrativas que envolvem o Mercosul ou o futebol, nos informou sobre situações em que brasileiros e argentinos precisam evitar o cruzamento da fronteira e outras em que as relações entre eles é marcada pela agressividade, pelo preconceito e pelo abuso de autoridade.

No caso do telejornalismo, destacaram-se apenas duas exceções, uma tem a ver com a representação do carnaval de Uruguaiana, que ocorre em março e agrega brasileiros e argentinos, e a outra se refere ao apoio que o Brasil manifestou recentemente à Argentina, na ONU, com respeito à questão das Ilhas Malvinas.

Comprendemos que tanto a celebração do carnaval em Paso de los Libres e em Uruguaiana quanto a preparação que envolve esse evento ao longo de cada ano aumenta a sociabilidade inter-fronteiriça. A colaboração entre brasileiros e argentinos com respeito ao carnaval é algo que já se mostrava relevante na pesquisa que realizamos em 2006, quando tivemos a oportunidade de entrevistar uma família brasileira de afrodescendentes que, na ocasião, morava em Paso de los Libres em decorrência de seu envolvimento com a concretização do carnaval libreño. Essa família nos contou que enfrentava preconceito racial em seu cotidiano na cidade argentina, assim como ocorria na cidade brasileira, mas nos levou a entender que o racismo não se manifestava no meio carnavalesco da cidade, por razão das contribuições que os brasileiros traziam para a festa argentina. Comprendemos, portanto, que o carnaval não anula as diferenças entre brasileiros e argentinos ou o preconceito racial entre brancos e não brancos, mas mesmo assim, ao ser partilhado pelos fronteiriços, gera identificação entre eles.

Além disso, tal como evidencia a colaboração de um de nossos entrevistados brasileiros – “E eu acho que é uma coisa boa falarem disso na televisão, reconhecer essa parceria até alivia a tensão por aqui porque, geralmente, é só briga, é só briga entre argentino e brasileiro na TV” –, compreendemos que a representação televisiva dessa

realidade no telejornalismo brasileiro também colabora para aproximar brasileiros e argentinos que vivem na fronteira, reforçando a identidade regional ou fronteiriça, justamente por distanciar-se da constante caracterização das relações argentino-brasileiras como de rivalidade.

Este também é o caso da narrativa televisiva que retrata a atitude do então presidente brasileiro, Lula, demonstrando solidariedade à Argentina no caso das Ilhas Malvinas, e cobrando da ONU uma decisão favorável ao país vizinho. O consumo desta narrativa aproximou brasileiros e argentinos que vivem na fronteira Uruguaiana-Paso de los Libres, colaborando para o reforço da identidade regional ou fronteiriça. Isso se evidencia quando nossos entrevistados argentinos enfatizam que a ação do presidente brasileiro foi uma “prova de amizade muito grande”, foi algo “muito bonito” porque “o Brasil se posicionar na ONU, acima de tudo a nosso favor, é algo que ninguém aqui pode esquecer tão cedo”. Bem como quando nossos entrevistados brasileiros afirmam que essa “política da boa vizinhança até fortaleceu a nossa amizade” ou que “isso aí fez muito bem para o nosso relacionamento aqui na fronteira”, apontando também que, mesmo que a ação do presidente brasileiro não tenha sido de “graça”, os argentinos “mereciam” esse apoio porque é algo “importante para eles” e que isso os deixou “muito felizes”.

É relevante apontarmos também que há cerca de dez anos, quando realizamos nossa primeira pesquisa nessa fronteira (2002), o fato de o Brasil ter se mantido neutro na questão das Malvinas, não manifestando apoio à Argentina na Guerra e, com isso, violando inclusive o Tratado Interamericano de Assistência Mútua, foi motivo de ressentimento por parte de nossos entrevistados argentinos e não colaborava para o reforço da identidade regional ou fronteiriça. Pelo contrário, esse caso era comumente utilizado pelos argentinos para pontuar que o retrato que eles faziam, já nessa primeira pesquisa, da postura brasileira no Mercosul tinha antecedentes: “Um exemplo mais distante seria as Malvinas, o Brasil (...). Até nesse negócio, nessa posição diplomática manteve o seu interesse” (Álvaro, 47, *apud* Brandalise, 2002, p. 71). Os argentinos lançavam mão da questão das Malvinas para nos explicar que a política brasileira sempre visou os interesses do seu país em detrimento de qualquer outro compromisso, seja ele o Mercosul ou o Tratado Interamericano de Assistência Mútua. Já as circunstâncias que apreendemos na concretização dessa tese apontam para uma transformação nas relações argentino-brasileiras, pelo menos com respeito à questão das Malvinas.

Com respeito às narrativas ficcionais que estudamos, elas não só distanciam-se do sentido de rivalidade constantemente atribuído às relações entre argentinos e brasileiros e da caracterização do argentino tal qual um adversário, como associam o povo argentino e seu país ao alto nível cultural, à sofisticação e ao requinte, especialmente no que concerne à mulher argentina, e apresentam ainda a Argentina como um destino turístico proeminente.

As telenovelas brasileiras participam do jogo identitário fronteiriço reforçando a identidade regional ou fronteiriça. Isso ocorre porque elas pautam diálogos de toda a sorte entre argentinos e brasileiros, participam da memória coletiva dos fronteiriços e, especialmente, porque quando elas se propõem a retratar os argentinos, a Argentina ou as relações argentino-brasileiras, suas representações não estão entranhadas de rivalidade, o que as difere da maior parte das narrativas de outros gêneros que estudamos na última década – a saber, as jornalísticas, as humorísticas, as de futebol e, inclusive, as de propaganda. As narrativas ficcionais brasileiras fogem em boa medida do lugar comum das demais representações televisivas brasileiras a respeito desse tema. E o discurso dos entrevistados, construído a partir do consumo de algumas dessas telenovelas, também se mostrou distante do sentido de rivalidade. Ao se apropriarem ou utilizarem algumas dessas narrativas, a amostra nos levou a entender que essas narrativas ficcionais colaboraram para aproximar os brasileiros e os argentinos nessa fronteira, aumentando a sociabilidade, a solidariedade e a identificação entre eles.

3. Considerações Finais

Ao confrontarmos as representações televisivas que os fronteiriços consideraram pertinentes à vida social e cultural que experimentam em seu cotidiano, com suas próprias representações sociais acerca dessa mesma realidade, entendemos que as narrativas televisivas brasileiras medeiam as relações sociais entre argentinos e brasileiros, bem como participam do jogo identitário que se desenvolve entre eles. Identificamos a participação da televisão brasileira nesse jogo que se realiza numa articulação de identidades nacionais, de identidades regionais ou fronteiriças, e de outras formas de identificação com respeito ao rural e ao urbano, à estratificação socioeconômica e à diversidade étnica que compõem a realidade das fronteiras que estudamos.

Quanto mais mergulhamos no jogo entre as identidades culturais que se desenvolvem nessas fronteiras, mais o consideramos situacional. Deprendemos que, dependendo das representações construídas em suas narrativas, e das apropriações e usos que os fronteiriços fazem delas, a televisão brasileira colabora para imprimir às relações entre eles um caráter de identificação ou de alteridade, ora sublinhando as identidades nacionais, ora reforçando a identidade regional ou fronteiriça.

Considerando sempre quais são as representações construídas em suas narrativas e quais são as apropriações e usos que os fronteiriços fazem delas, entendemos também que a televisão brasileira colabora para aumentar ou diminuir a sociabilidade interfronteiriça, por vezes contribuindo para imprimir a essas relações um caráter de aproximação ou de distanciamento, e em alguns casos, cooperando para imprimir a elas um caráter de solidariedade ou de conflito.

Consideramos relevante sublinhar que a participação desse veículo de comunicação no cotidiano fronteiriço se destacou quando suas narrativas foram construídas fazendo uso de estereótipos positivos ou negativos com respeito à fronteira que estudamos, à Argentina, aos argentinos, ou às relações estabelecidas entre eles e os brasileiros.

Estudar os processos de comunicação intercultural mediados pela televisão, na complexidade e na heterogeneidade das realidades fronteiriças, nos permitiu identificar quando as representações televisivas dessas realidades refletem ou refratam os interesses dos diversos grupos que interagem socialmente no cotidiano dessas fronteiras. Isso nos permitiu compreender também como operam os estereótipos positivos e negativos no cotidiano quando reafirmados pela televisão, assim como pudemos entender como as representações televisivas participam da manifestação de atitudes racistas de brancos em relação a não brancos.

4. Referências

BRANDALISE, R. 2002. Gaúchos e Gauchos: um pampa, duas nações. 2002. Santa Maria, RS. Monografia de Graduação. Universidade Federal de Santa Maria, 147 p.

BRANDALISE, R. 2006. Comunicação e Cultura: Sementes híbridas em campos cercados na fronteira Brasil-Argentina. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 157 p.

BRANDALISE, R. 2011. A Televisão Brasileira nas Fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai. Um estudo sobre como as Representações Televisivas participam da

articulação das Identidades Culturais no cotidiano fronteiriço. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 591 p.

CANCLINI, N.G. 2001. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro, UFRJ, 290 p.

COLLIER JR., J. 1973. Antropologia Visual: a fotografia como técnica de pesquisa antropológica. São Paulo, EDUSP, 153 p.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. 2004. O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro, UFRJ, 304 p.

GEERTZ, C. 1978. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 323 p.

HAGUETE, T.M.F. 1992. Metodologias qualitativas na Sociologia. Petrópolis, Vozes, 224 p.

HALBWACHS, M. 1990. A memória coletiva. São Paulo, Edições Vértice, 224 p.

HALL, S. 1999. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro, DP&A, 102 p.
LIPPMANN, W. 1998. Opinião Pública. Petrópolis, Vozes, 350 p.

LOPES, M.I.V. 2002. Pesquisa em Comunicação. São Paulo, Loyola, 171 p.

MARTÍN-BARBERO, J. 2001. Dos Meios às Mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro, UFRJ, 361 p.

MEMÓRIA GLOBO. [s.d.] Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em: 14/02/2013.

MOTTER, M.L. 2003. O que a ficção pode fazer pela realidade? Comunicação & Educação, 26:75-79.

ORLANDI, E.P. 1988. Discurso e leitura. São Paulo, Cortez, 118 p.

THIOLLENT, M. 1980. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. São Paulo, Pólis, 270 p.

YIN, R.K. 2010. Estudo de Caso – Planejamento e Métodos. Porto Alegre, Bookman, 212 p.